

Da escrita das armas à organização das armas literárias



•Criada Associação dos Escritores Moçambicanos

«Quando uma criança nasce é, em potência, um herói ou um traidor». A frase é de Sérgio Vieira. O local, o Conselho Executivo. A data é 31 de Agosto de 1982. O acto é a Conferência Constitutiva da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Nasceu mais uma Associação no nosso País: A beleza do seu nascimento é o produto de como o parto foi preparado. O resto depende de como aprender a andar, de como crescer, do destino que aqueles que a têm lhe souberem imprimir. Porque para cumprir um destino, uma criança tem antes de tudo de nascer. E esse nascimento faz-se, dia para dia, cada vez mais necessário. ➔



Os membros da Direcção que estavam presentes na Conferência. Da esquerda para a direita:
Rui Nogar, Gulamo Khan, Albino Magala, José Craveirinha, Orlando Mendes, Leite Vasconcelos, Clotilde Silva, Calane da Silva e Alvaro Zumbire

O que ressalta a quem lê os documentos, os discursos, as intervenções do que foi a Conferência Constitutiva da Associação dos Escritores Moçambicanos, é que se havia a esperança de ali se verem resolvidos todos os problemas teóricos e práticos com que os escritores se têm debatido, essa esperança não se viu concretizada.

Por falhar? Ou, não seria, por vontade deliberada de não tentar resolver o que só a prática poderá indicar como solução?

Alguns dos escritores presentes foram claros a este respeito: «O fundamental agora é termos a Associação que, depois, pela prática, poderá vir a ter de se pronunciar mais exaustivamente sobre todas as questões a que esta Conferência não respondeu.»

O objectivo parecia pois, ser claro. Ter o órgão e discutir e aprovar, na Conferência, os instrumentos mínimos para que esse órgão possa funcionar: Os estatutos e o programa, e uma direcção.



A mesa do Presidium. Da esquerda para a direita: Rui Nogar, Luis Bernardo Honwana, Marcelino dos Santos, José Craveirinha e Orlando Mendes

Terá sido eventualmente essa a razão que levou a marcar apenas um dia para esta Conferência. De legados e convidados (no total não mais de cem) e onde faltaram infelizmente representantes de outras zonas do País que não puderam deslocar-se a Maputo, debruçaram-se durante um total de cerca de 5 horas na discussão dos quatro principais pontos da agenda de trabalhos: O relatório da comissão instaladora, o programa, os estatutos e a eleição dos corpos Directivos.

De salientar que os dois primeiros pontos foram os mais amplamente debatidos (particularmente os estatutos) tendo as propostas, o programa e os Corpos Directivos sido aprovados sem discussão, por aclamação.

A CONFERÊNCIA

O relatório da Comissão Instaladora, formada há dois anos a partir de uma moção aprovada no primeiro seminário nacional da Informação, debruçou-se essencialmente sobre a participação dos escritores moçambicanos em diversos foros internacionais da literatura onde se destaca a Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, realizada em Angola.

O responsável da Comissão Instaladora fez ainda referência ao facto de durante os oito anos de Independência, apenas terem sido editados cerca de 40 títulos literá-



No dia anterior à Conferência realizou-se um sarau de poesia. Na foto, Ana Magala quando dizia um poema

rios, sendo uma grande parte de literatura infantil.

Isso deve-se, segundo afirmou, ao hiato da produção literária que se verificou após a Independência. Esta questão seria abordada com mais profundidade por Orlando Mendes, intervenção à qual fazemos referência mais adiante.

Pela boca de Sérgio Vieira e Fernando Ganhão levantaram-se alguns pontos cuja ausência se poderia tornar notória porque, sendo importantes, estavam apenas referidos de passagem. Trata-se do trabalho literário organizado e produzido durante a Luta Armada de Libertação Nacional.

Fernando Ganhão colocou ainda problemas relativos à função social do escritor e à necessidade da exigência estética para que a produção literária seja diversificada e rica e não produzida burocraticamente. Ele levantou também a questão da pesquisa como uma necessidade premente, principalmente porque existe uma falta enorme de trabalho de recolha e organização da literatura oral.

Aliás, o problema da literatura oral (conceito que a Conferência não analisou detalhadamente tendo-se falado, ora de oratura, ora de



O poeta Macave que tem dos poucos livros existentes, publicados numa língua nacional, esteve também presente à Conferência

“OBRIGADO, CAMARADAS!”

● **Excerto da intervenção de RUI NOGAR ao ser eleito Secretário-Geral da AEM**

(...) Quando as palavras estão muito próximas de nós vivemo-las intensamente, é difícil encontrar as mais adequadas para interpretarmos os nossos sentimentos imediatos e profundos.

Sobretudo, quando estes sentimentos galopam a toda a brida, num acotovelar de emoções despoletadas de chofre, por aqueles que nós amamos e que, como nós, também amam as palavras e procuram legitimá-las, pondo-as ao serviço de uma causa justa, além de cantar a beleza que nelas resplandece.

E, por muito esforço que eu fizesse para escolher, do meu arquivo memorial, as mais belas, emotivas e pertinentes de todas as palavras que convesco compartilho, nenhuma poderia traduzir com maior rigor e profundidade o que neste momento sinto, se não a que esta simples palavra encerra e que vos devolvo humildemente: Obrigado! Obrigado, amigos! Obrigado camaradas! (...)



literatura oral, ora mesmo de narradores tradicionais) foi também levantado por outros intervenientes que salientaram a necessidade de se integrar os inúmeros contadores de histórias que o nosso País possui.

Aquino de Bragança, que fez a sua primeira intervenção pública após ter saído do hospital onde esteve na sequência do atentado que vitimou Ruth First, levantou o problema de se saber se os jornalistas, (ou os historiadores?), deveriam ou não, fazer parte da Associação dada a natureza do seu trabalho.

Estes pontos, cujo aprofundamento implicaria uma mais exaustiva definição de conceitos, foram

Após ter terminado o sarau, os escritores presentes subiram ao palco. Na foto, Marcelino dos Santos fazendo um improviso no qual saudou aquela iniciativa



apenas aflorados cabendo agora à Associação debruçar-se mais a fundo sobre eles de modo a encontrar-se uma linguagem comum.

Durante a tarde, foi na discussão dos estatutos que a Conferência veio a aprofundar certas questões quer de concepção (como a definição do conceito de escritor) ou do carácter da própria Associação, quer formais e jurídicas, quer mesmo relativas à forma como os estatutos foram elaborados pois «a qualidade estética dos estatutos de uma associação de escritores deveria também ser tomada em conta».

Logo na sua apresentação, fo-

ram propostas uma série de alterações ao projecto inicial tendo-se depois discutido ponto por ponto cada capítulo e cada artigo daquele importante documento.

O projecto foi aprovado em geral tendo ficado decidido que uma comissão se encarregará de dar a forma final ao documento.

Os estatutos definem um secretariado composto por um secretário-geral, um secretário-geral adjunto e um determinado número de vogais a ser decidido em cada mandato. Para os primeiros dois anos, são três os vogais.

O programa insere, logo na introdução, a Associação em todas as frentes (e respectivas organizações)

de actividade que, de um modo ou de outro tenham a ver com a produção literária. Ele define como tarefas essenciais a divulgação dos objectivos da associação e a designação, ao nível das províncias, de delegados. Para o efeito, o programa indica que se deverão desenvolver palestras, convívios, recitais, seminários, congressos e outras manifestações literárias para além de concursos bem como a organização de bibliotecas. Uma parte importante é dedicada à edição uma vez que o programa editorial se apresenta bastante frágil muito embora existam muitos originais prontos.

Prevê-se também a criação de

NOTAS BREVES

- O Presidente Samora Machel foi eleito por aclamação membro de Honra da Associação. «Queremos homenagear o homem que tem a percepção profunda do acto cultural como acto libertador e revolucionário, da importância da cultura na libertação do povo» Pode-se ler na respectiva moção.
- Duas outras moções aprovadas são de apoio ao IV Congresso e de repúdio às agressões racistas.
- Enviaram mensagens de saudações, Jorge Amado, Gabriel Garcia Marquez, Júlio Cortazar, Anatolly Sofronov, Russel Hamilton, Helena Riausova, Idalina e João Sá da Costa, União dos Escritores da RDA, Bulgária, Hungria, Roménia e URSS.

OS CORPOS DIRECTIVOS

SECRETARIADO

Secretário-Geral
Secretário-Geral Adjunto
Vogais

Rui Nogar
Albino Magaia
Jorge Viegas
Calane da Silva
Gulamo Khan

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente do Presidium
Vice-Presidentes

José Craveirinha
Joshua Mbazima
Abiatar Cossa
Leite Vasconcelos
Rafael Maguni

Secretários

CONSELHO FISCAL

Presidente
Secretário
Relator

Orlando Mendes
Clotilde Silva
Álvaro Zumbire

Nesse improviso ele fez um voto aos jovens «para que eles sejam os mais assíduos frequentadores da nossa/sua casa».

A intervenção de Orlando Mendes traçou a trajetória da literatura moçambicana escrita desde o princípio do século tendo referido que «foi particularmente a partir da década de 30 que o carácter avulso da produção literária passou a ter exigências de sistematização no sentido de os autores individualizarem os seus escritos com afirmação de uma personalidade própria para se fundamentar uma obra. Isto, resultando em parte de uma maturidade de capacidade realizadora que beneficiava das influências tecnológicas da aculturação, coincidia, não por mero acaso, com a adopção de posi-



Calane da Silva, disse, no Sarau de Poesia, «Os meninos da Malanga»

um órgão periódico de carácter artístico-literário, bem como uma revista especializada.

Para além destes aspectos, a Conferência pôde contar com três intervenções significativas. As duas de Marcelino dos Santos, na abertura e encerramento e uma do

escritor mais velho e também o que tem mais obras publicadas, Orlando Mendes, que ironizando disse, num improviso prévio: «Creio que a minha designação para esta intervenção se fez por ter uma certidão de idade amarelecida pelo tempo».

ções temáticas diferenciadas e significativas de uma identidade literária moçambicana».

Orlando Mendes veio depois a fazer referência a um problema, igualmente levantado por outras intervenções, que diz respeito à produção literária que se seguiu

à Independência: «...como fenómeno historicamente coerente, quando as revoluções se fazem vitoriosas e os valores opostos perdem a sua força, os escritores, descondicionados de uma confrontação mental que tinha sido fundamental razão de criação, quedarão-se na maioria perplexos por falta de caminhos válidos abertos anteriormente e em substituição dos quais era preciso desbravar terreno, abrir picadas para novos percursos. Os que começavam en-

É pela boca de Marcelino dos Santos no discurso de abertura que a Conferência faz uma reflexão sobre a função social do escritor, reflexão fundamental para que seja possível a clareza dos objectivos do trabalho de quem escreve:

«O escritor, no nosso País é o produtor da criação literária, que nasce e vive no seio do povo, escreve, recria perspectivando, a vida das massas populares, contribui para a educação estética do

pode permitir dar contributo à elevação do nível cultural e espiritual da sociedade moçambicana, engrandecendo o património literário nacional e universal».

É ainda pela boca de Marcelino dos Santos no encerramento que se vem a fazer uma profunda reflexão sobre o papel da cultura na sociedade. Marcelino dos Santos usa um exemplo do quotidiano (as missangas) para demonstrar que a questão cultural tem a ver directamente com a questão económica o que veio a corroborar uma tese defendida por um dos intervenientes de que, ao escrever, o escritor pode estar a criar riqueza material.

QUE FUTURO?

Se a Associação dos Escritores Moçambicanos corresponde ao instrumento fundamental para que estes se possam organizar, isso não significa implicitamente que a batalha esteja ganha. Muitos são ainda os problemas a ultrapassar. Problemas como a inserção social do escritor, o que produzir e como produzir, que fontes de inspiração procurar, a pesquisa e aproveitamento da ainda principal forma de produção literária moçambicana (literatura oral ou oratura?) e muitos outros, implicarão uma definição paulatina e dialéctica a que o novo organismo não pode ficar alheio.

A conferência, por limitações impostas aos seus objectivos ou por outras razões, deixou ainda um longo caminho a percorrer. Que terá de ser percorrido por aqueles sobre quem recai a responsabilidade de organizar esta marcha envolvendo todos quantos nela quiserem participar.

Ela deixou uma vontade de heroicidade e expôs algumas das pedras que se atravessarão no seu caminho. Mas, estão criadas algumas armas que poderão tornar o combate vitorioso. □



Sarau de poesia:
Rui Nogar
dizendo um poema
seu

tão apenas a sentir o chamamento original para a criatividade, sugeridos pela atmosfera emocional que rodeia as grandes mudanças, serviam-se de temas épicos cujo tratamento só a genialidade e o saber muito experimentado conseguem fazer com qualidade formal e estilo de construção que impeçam a banalidade e a mediocridade — e esta não era evidentemente a situação prevalecente».

povo permitindo o aumento crescente da qualidade da obra literária. O escritor é chamado a levar a literatura a realizar a sua função pedagógica. Escrevendo, ele engaja-se como sujeito actuante da transformação cultural e ideológica, no processo de edificação do socialismo na nossa Pátria. É o envolvimento político de classe do nosso escritor, que compartilha o dia a dia do povo, que lhe